

Varia

DO TEAR PARA A TEIA DA IMAGINAÇÃO CONFLUINDO NA LUA DE VÊNUS

FROM THE LOOM TO THE WEB OF IMAGINATION
CONVERGING ON THE MOON OF VENUS

Francisca de Lourdes Souza Louro¹

ROR Universidade de Coimbra | SEDUC (AM)

 flourdesslouro1@gmail.com



RESUMO: Os elementos desse núcleo (poesia) mostram-se metadiscursivo com marca linguística de estar-aí, como proposição de sentido, como testemunha de um contrato social que fixa o estatuto semântico do significante. A montagem dos signos, através dessa funcionalidade gera experiência à atividade de “simbolização” referencial da linguagem, em seu movimento endocêntrico, convoca o objeto físico (poesia) ao mesmo tempo em que a integra em um universo de significâncias através de uma experiência discursiva com as percepções sensoriais do texto ao leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Teias e teares. Leitura de poesia. Metadiscursivo. Interpretar.

ABSTRACT: The elements of this nucleus (poetry) are metadiscursive with a linguistic mark of being-there, as a proposition of meaning, as a witness to a social contract that fixes the semantic status of the signifier. The assembly of signs, through this functionality, generates experience for the activity of referential “symbolization” of language, in its endocentric movement, summoning the physical object (poetry) at the same time as integrating it into a universe of significances through a discursive experience with the sensory perceptions of the text to the reader.

KEYWORDS: Webs and looms. Reading. Poetry. Metadiscursive. Interpreting.

Flaubert: uma maneira de cortar,
de romper o discurso
sem o tornar insensato.
(Barthes)

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 12, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

Informações sobre os autores:

1 Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (1996). Especialista em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna (2005). Mestre e Doutora em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra em 2012. É professora concursada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Amazonas. Atua no Magistério Superior, desde 1997, ministrando as disciplinas de Língua Portuguesa, Teoria Literária, Estudos Literários e Filosóficos, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura Amazonense, Literatura Infanto-Juvenil, Cultura Brasileira e Cultura Amazônica..



10.29281/rd.v12i24.16284

Fluxo de trabalho

Recebido: 17/10/2024

Aceito: 07/11/2024

Publicado: 24/11/2024

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)





INTRODUÇÃO

Certa vez, fui surpreendida por um e-mail recebido, o que muito me alegrou. Era Isaac Ramos enviando algumas de suas poesias pedindo para eu apreciar e decidir, dentre muitas, as que mais gostei de ler, estava selecionando-as para concorrer em concurso. Fiquei honrada, porém, vaidosa com a possibilidade de saber ler e entender poesia. Daí, nasceu o que chamamos tietagem poética. Obrigada pela confiança, Amigo Poeta, e pelo elogio calado, porém demonstrado. Essa resenha é o que gerou da apresentação do livro de Isaac Ramos, no dia 11 de outubro de 2014, na cidade de Manaus.

Dias passados, amigos(as) disseram-me ter gostado do discurso de apresentação que proferi ao público, na apresentação de *Teias e Teares*, tecido de paixão com (56) poesias de puro prazer e que foi lançado aqui em Manaus. Fiquei feliz de ter agradado, porém, digo a todos, criei um discurso com as ideias do autor, costurei os versos de Isaac por todo o texto, daí a ousadia de apresentar uma nova face de dizer sobre poesia com a própria poesia, e assim fui refazendo, recriando e o que era uma página virou “isso”, que hoje apresento.

A funcionalidade resulta do valor de designação dos signos que estão atribuídos à poesia. Essa carga semântica dá uma determinada parte do mundo físico, “inclusive para o que se convencionou chamar palavras “abstratas””, porém, com os Desejos¹, o Poeta atixa com Pérolas na Orelha, o Cardápio Lírico cheio de Nuances nas Doces Metáforas, irradiando as transbordantes marcas de Badalos e Tintas, envoltas em Memória de Menino, para que sejam artifícios dos momentos, quando enfurnado nas ideias a pensar, qual cor de tinta posso pôr nessa roupagem de poema? Como e com qual tinta posso desenhar os cabelos de Penélope para que realize meus desejos ocultos de prazer? Qual taça escolher e qual cor do vinho devo beber com essa palavra que se chama amor?

A literatura é esse jogo de delírios confessados entre solidão e suspiros idealizados e não realizados, o homem põe a natureza de si nesse embate de dizer o não dito, o querido e o não vivido. Na vida há poesias, há versos e palavras pedindo um leitor travesso que desvende a moral do texto. Aviso, não procure o homem, encontre a voz que conclama com arte.

“Eis um estado muito sutil, quase insustentável, do discurso: a narratividade é desconstruída e a história permanece, no entanto, legível: nunca as duas margens da fenda foram mais nítidas e mais tênues, nunca o prazer foi melhor oferecido ao leitor” (Barthes, 1987, p. 15). Posso pensar na desconstrução textual do efeito poema para construir um texto saído das páginas de Ramos, mas que passe a ser narratividade, ligado pelos pontos convergentes das ideias que se somam e assombra o leitor pelas sugestivas intencionalidades, ofertadas em cada verso que agora desconstruo para reconstruir em outro texto.

¹ Advirto que as palavras em “Maiúsculas” referem-se ao nome ou o verso do poema.



Desse modo, as letras em maiúsculas serão marcas, para referir-se à nomenclatura dos textos em poesia. O discurso, para correr solto, precisou de alguns enxertos na grande colcha de retalhos, emendando os fios aqui e ali na construção da compreensão do diálogo que as propostas de pontas abissais exigiam. Mas, advertimos, os componentes extraídos dos versos não têm o mesmo valor semântico do discurso proposto pelo poeta.

Dessa forma, a problemática de interpretação é lúdica sobre o objeto “poesia”, porque entendemos que, o ato de linguagem, não deve ser concebido como um ato de comunicação, resultante da simples produção de mensagem que um emissor envia a um receptor, pois, tal ato, deve ser visto como um encontro dialético: processo de Produção e processo de Interpretação.

Ademais, o êxito pode ser aqui reportado a um autor, (Isaac) juntasse-lhe o prazer do desempenho que se ousa nesta atmosfera de “permitido encanto” e o prazer pela linguagem que a leitora se prostra na margem do estado de graça do mais e mais ainda! Ainda mais outra poesia. “Assim se reconstrói o fluxo apressado de todos os prazeres da linguagem. Poesia é o paraíso das palavras” (Barthes, 1987, p. 14) e Ramos se derrama com fluidez em jatos excêntricos no modo dessa relação homem poesia.

Seguindo esse norte, tem-se, na narrativa de Isaac o transcendente e o concreto processo exposto a denunciar as fragilidades de viver o visível e o invisível, viver a mágica arcaica de falar de amor com amor, de saudade com saudade e de poesia com poesia. O autor amplia a própria concepção de realidade ao entender que a realidade – na arte – abrange todas as interações e que o homem pode estar envolvido, com a distância do EU e do TU, separados de corpos, não de almas e reunidos pelo discurso.

O ser da sensação, o bloco do percepto e do afeto, surge como a unidade ou a reversibilidade entre aquele que sente e o sentido, o seu íntimo entrelaçamento, à semelhança das mãos que se apertam: é a carne que se vai separar simultaneamente do corpo vivido, do mundo percebido, e da intencionalidade de um a outro ainda demasiado ligado à experiência – enquanto a carne nos dá o ser da sensação, e traz a opinião originária distinta do juízo de experiência (Deleuze e Guattari, 2004, p. 157).

Na esteira aristotélica, Santo Agostinho não deixa de considerar a memória no âmbito do conhecimento sensível, é assim que está apresentado em “Pecado Absoluto que se Insinua por debaixo do lençol de palavras”. Previa a iluminação do intelecto (quando) compete-lhe a dupla função da recordação e da imaginação, (por sua vez direta e indireta): “Tudo o que a memória retém das emoções da alma que foram produzidas no encontro com as paixões do corpo (as sensações, diríamos hoje), chama-se em grego *phantasiai* (...)”. Por isso existe a intencionalidade para dar jus às múltiplas orientações



objetivas em campos como a percepção, a imaginação, a memória, a vontade, a afetividade, a apreensão de valores, a consciência religiosa, como se depreende da tese de Ricoeur na *Filosofia da Vontade*.

A *Memória, a História e o Esquecimento* (2000), propôs Ricoeur em descrever os fenômenos mnemônicos do ponto de vista das capacidades de que tais fenômenos são a efetuação feliz. Neste sentido, o propósito deste autor citado é situar a memória na mesma linha do “homem capaz”, abordado em o *Si Mesmo Como Um Outro* concebendo a esse outro ser “detentor dos poderes de base, que são o poder falar, o poder agir, o poder narrar e, o poder responsabilizar-se pelos seus atos e em que a memória assegura a realização eficaz”. E neste jogo especular, feito de alusões e de ecos ressonantes – muitas vezes aliás corporizado num objeto simbólico como o retrato da mulher amada.

Ouso, contar, entre a unicidade e a pluralidade, o universo das ações humanas descritas na poesia de Isaac Ramos, muitas pelo espírito da representação, outras pelas lembranças (memórias), e outras para tornar visível o amor idealizado e sofrido pelo homem moderno. Todo ato de tomar a palavra do outro implica a construção de uma imagem desse si que se mostra em palavras.

O poder dizer é reconhecido como eu posso falar, porque os sujeitos agem por sofrimento desde a epopeia, os heróis trágicos não cessavam de falar sobre sua ação. [Isaac Ramos] é o sujeito da ação, do anseio, do reconhecimento, que aqui pode ser interpretado como homem capaz de si, fazer coisas com as palavras o que vem reforçar a análise contemporânea vinculada à pragmática do discurso (Ricoeur, 2006, p. 110).

O continente do amor vivido em Ramos, é regido pela moral do mundo leal e real. O chamado mundo real é o que se apresenta como um verdadeiro não-lugar, onde está Penélope, porém, a porta da invocação abre-se para dar passagem ao rito das passagens mágicas da ilusão de estar, e nesse não - estar – ou estando, nasce a ilusória relação e a clara vontade construtiva da sua relação com Ela, Penélope, a Musa paciente, que tece e destece, a que lhe inspira o desejo da vida cotidiana dos naturais da terra. “A famosa narrativa de Ulisses no retorno à Ítaca é, sem sombra de dúvida, uma narrativa de reconhecimento cujo herói, é ao mesmo tempo o protagonista e o beneficiário” (Ricoeur, 2006, p. 90) pérfido no trato feminino, deixou a musa na solidão do abandono pelo desejo de vencer uma guerra que não era sua, foi mais fiel ao amigo Menelau, casado com Helena, ambos fugiram e por isso, seu irmão mais velho Agamémnon convoca os amigos para correram atrás de resgatar Helena que havia fugido com Paris (Alexandre), irmão de Heitor. Interessante é a poesia moderna recorrer aos destinos do passado, para se afirmar na verdade da relação amorosa. A guerra em Tróia não era só para destruir uma cidade,



era, também, para separar os amantes apaixonados: Helena e Paris que estarão sempre como modelos entre os belos e modernos amantes.

O leitor sente, na verdade, ao penetrar neste labirinto de palavras, ou neste entremeado de linhas do tear, como um participante em prova de espírito, variando quando se depara com o trágico, gravitando lentamente dos fios do tear em tecidos de ouro, ao fazer surgir a existência de si.

Assim, deliberadamente ou não, o poeta efetua, em seu discurso, uma (re) apresentação de si que contribui para influenciar seus leitores de modo desejado, talvez um *ethos* diferente que faz a diferença. Aqui, o indivíduo se submete a essa submissão que é a condição de sua libertação. Diante dessa perspectiva aberta pelo autor, abre-se a porta da reflexão para os comportamentos da rotina do ardoroso amor, das comemorações familiares, da construção poética, das relações interpessoais ritualizadas socialmente.

Nesse sentido se trata não de fatos, mas de opiniões e, sobretudo, de apreciações não somente a pessoa do orador, mas também a função e o papel que ele exerce e no papel que ele assume, influencia de modo incontestável, a maneira pela qual o leitor acolherá suas palavras. No entanto, as palavras do orador propiciam uma imagem dele em cuja importância não pode ser subestimada já averiguada por Aristóteles que a estudou sob o nome de *ethos* oratório, como um dos três componentes da eficácia na persuasão, sendo os outros dois o *logos* e o *pathos*, o apelo à razão mediante argumentos e os procedimentos retóricos que visam a suscitar paixão no leitor.

Dialogar com o texto dá origem ao sujeito interpretante e, interpretar é criar hipóteses sobre o saber do sujeito enunciador, sobre seu ponto de vista em relação ao seu enunciado. Isso não será feito nesta proposta de leitura. As circunstâncias da linguagem para produzir uma criação de hipóteses de interações, serão usadas partindo da construção da linguagem textual do próprio texto do autor.

Isso nos leva a admitir que o material não seja pertinente como Análise ou Crítica Literária, não neste momento, mas que seja pertinente pelo fato de que os interlocutores “possuírem o mesmo saber sobre e em relação ao mundo que os cerca, em relação aos seus propósitos linguageiros” que é a dupla face de uma qualificação referencial e de uma funcionalidade de sentido, construído em razão do emprego dos versos semelhantes em palavras/frases criando contextos diferentes.

Começar a desfiar os textos poesia para construir o texto prosa, julgo que possa chamar de “adaptação”: A seleção dos versos servirá para recontar uma outra história com os versos do autor. O desafio da versão é rever as lembranças e o reconhecimento no prazer de (re)dizer. As “adaptações” são criações “secundárias” por não estar assim tão presente em nossa cultura. Então, este é, para mim, um texto experimental, ou inaugural.



Vê-se muito no cinema, mas saído dos romances, como este que aqui está proposto, creio que seja original, e argumento que esse prazer advenha simplesmente da vontade de verbalizar o já verbo pronunciado, mas que deixe surpresa no leitor para experienciar a adaptação. É claro que, os adaptadores devem ter suas próprias razões pessoais, primeiro, para decidir fazer uma adaptação, depois, para escolher que obra adaptar e em que mídia o fazer.

E, esta proposta é por ter chegado à conclusão de que existe uma vastidão de ideias no contexto poético de Isaac, um sujeito simples, que faz poesia com singularidade e, seu canto, é uma nota solta, pois sabe bem usar as palavras, isso é que mais admiro em si por me fazer enveredar nas “Teias da imaginação traçando fronteiras diáfanas, provocando delírios no verbo”, como um’A Teia que ata este insólito encontro, para celebrar uma faustosa ceia e embriagar-se com palavras, para que o orgasmo (caso venha) em nós, fará engasgar-nos com jato quente de metáforas, que nos enrede e jogue-nos no vão d’A Cisterna, para que olhemos os Pecados Absolutos enquanto fornico atos de palavras, salivo linguagem com solitárias metáforas.

Das Marcas que Brotam da Memória de menino vão se insurgindo, como uma Noite da Décima, uma faustosa ceia de poesias formada pela exalação da alma do poeta sendo convidado a versejar para a Lua & Vênus, por isso, o eu lírico confessa “meu desejo é segurar todos no papel”, todavia, deixa-nos Aflitos, porém, desejosos de um coito com letras, seja pela impaciência de um poema processo, seja pela transcendência de uma experiência concreta, então, beberemos à saúde da poesia, com uns poucos Dedos do Vinho, Vinho do Porto que nos aguça a ouvir Badalos suspirosos por momentos inconfessos, ainda que a vagina rejeite a ausência insípida do sêmen.

Do Cardápio lírico do Poeta, tento revirar as páginas já bastante esfregadas pelos dados inseguros e desajeitadas, porém, levantam-se e jorram como Cascatas em nádegas alvoradas de Ausência das tuas lembranças da ressaca de amar e, então, em Conchas de Silêncio, nas areias do deserto, que nos entontece em delírios, pela Penélope descoberta com olhos de esfinge, dai, gota a gota bebe-se o poema e, surge a imagem d’A Mulher, como uma música confessada da alma do poeta, que volta e meia, acerta o compasso e dança um último Tango, dramatizando a vida epopeia onde a lírica se constrói sob a forma de arte. O Poema, vive d’As Doces metáforas que brilham nas noites de Tempestade morena, com verbo lambuzado de gestos tocando liras inconfessadas, que bate ao som desses desejos da tua ausência, nas tuas lembranças de amor prenhe de presenças.

E, nos encantos de cada palavra, o Poeta, alimenta-se de palavras e assume tolas inconseqüências com prosopopeias acidentadas. O escritor, por tanto tempo de recolhimento nos lençóis da manhã, depois de doses mundanas, embriaga-se em Oração pela exalação expressada na Palavra que queima, arde, leve, bordado e alinhavado na

Lúbrica busca me serpentear de pudor se perde nas entrelinhas, imacula as Pérolas Desveladas que saboreio entre tinta, Teia e teares, e a poesia se segura a cada verso que saboreio no corpo alvo do poema.

Na solidão atroz, lembrar a figura da Mulher de Saia, ligeiramente erguida, mostra-se de relance, como um continente de palavras, está vestida domingamente de Rendas entreabertas, pelo uso de um verbo ajustado nos gestos. É Bia que encanta, encontra, entontece, é a que faz O homem, vestido de alma de poeta, e com Desejos e Tintas rabiscar rapidamente uns rascunhos, porque o verbo novamente o domina, como se percebe em Carta da esposa de um poeta.

Estas são lembranças que lhe vem à memória de quando a conheceu, esta, que é a musa inspiradora dos seus sonhos poéticos, desde que foi seu Professor, como se pode ver em Sorrisos de Metáfora a confissão: é o que ainda me encanta tanto e digo com as palavras dela:

Meu grande amor... não se veste como o Pequeno Príncipe muito menos como posa como Alain Delon. Ele me escreve cartas de amor, mas não se porta como o jovem Wherter. Faz-me rir como Brigitte Bardot quando me diz que vê a menina dos meus olhos a mulher de seus sonhos. O meu amor é Flores do Mal que me fazem muito bem. Faz-me ler Madame Bovary, mas que eu um seja personagem de Cyrano de Bergerac. E me diz que tenho um incrível sabor de metáfora. Sou sua musa. Ele me despe somente com a palavra Amor.

Como se vê, a interrogação em torno do princípio da criação literária, está fundada no conceito de mimesis e, o poeta, relativiza no conceito de belo o passível recado de amor sentido nessa relação amorosa, liberdade, julgamento e triunfo ao individualismo, e isso supõe já a liberdade e capacidade de deixar transparecer nesta confissão pessoal questões vitais que sobreleva a primordial questão que está consagrado desde os cânones da antiguidade: cantar o amor sentido (Laurel, 2001, p. 31).

Contata-se, que todos os poetas precisam de amores platônicos de sonhos redondos, pois, poetas e homens fazem o amor circular um no papel, outro na roda viva. Invenção de poeta é razão de entontecer nos corações enlevados, que haja um coito com letras entre traças e teias, sobretudo no amor, e que seja ungida pela permissividade dos beijos, ainda que um coito se interrompa pela união de todos os pecados.

O “coito com letras” é o prazer, a fruição com extremo prazer que é senão um prazer brutal, imediato. Não nos deixemos iludir pela imagem da fricção, concordo em reconhecer algo necessariamente masculino, tenso, fálico. O poeta é o sujeito clivado, que frui ao mesmo tempo, através do texto, da consciência de seu ego e de sua queda, pura abstração. Em Isaac, a luxuriosa linguagem faz parte das riquezas excedentes de luxo,



de emoção e de prazer sempre recuperado pelos melhores pensamentos, é o pensar em outras coisas além do corpo e da alma.

Da Janela olha para a linha do horizonte, n'As Marcas sinto tuas mãos navegarem na Alma e não faltarão palavras e, se não houver um chão de letras, haja epifania das nádegas, porém, degusto versos impolutos e, O poema faz-se de ramos e de poesia, mas Vive a apreensão da Morte da Lírica e conclama! Chamem os poetas para um Último Poema, um que fale do Natal dos Meus Sonhos, não precisa de Papai Noel pendurado em árvores, pois a Prosa, é Parnaso, é A poesia da bola e da Palavra deliciada como se fossem Quatro pães e uma cebola, na volúpia dos versos maduros que se estendem sobre o leito de papel o corpo de um poema.

Poeta seja breve; o que será de um homem sem o verso para repartir o verbo, já que a lírica se constrói sob forma de arte? As cinzas revolverão Márquez e Gabriel, mas, neles, só há mentiras que parecem verdades e que vaporiza as dobras de seus dilemas.

Isaac, por ser distinto, seguro, insano e profano, diferente de José, traça canções que empalavram, nessa festa de letras feito água na peneira, ou sol na chaleira, que ata e enovela os fios nessa teia de prazeres chamado poema, enquanto toca lira inconfessadas serve, um verbo lambuzado de gestos com uma concha molhada de verso, tecendo com fios de ouro e maestria os prazeres das palavras para ofertar ao leitor.

Mas, o importante é banhar-me e fartar-me nos teus enleios, é repetir dilemas dos receios das areias infindas da paixão em convulsão, onde o amor prenhe de presenças, é viver, continuamente da ressaca de amar. E depois, desses volteios em teus versos, sei que ainda há diversas frestas nesse pretense ensaio, porém, eu me visto com conchas de silêncio.

Eis um estado muito sutil, quase insustentável, do discurso: a narratividade é desconstruída e a história permanece, no entanto, legível: nunca as duas margens da fenda foram mais nítidas e mais tênues, nunca o prazer foi melhor oferecido ao leitor – pelo menos se ele gosta das rupturas vigiadas, dos conformismos falsificados e das destruições indiretas (Barthes, 1987, p. 15).

Poeta, tentei passar-te a limpo, mas, as luzes da ribalta foram desligadas para mim, solto um grito da Alma com o verso: Trombetas, fanopéias, melopéias...Tudo ziguezagueia sobre as partes íntimas do poema.

Aqui, o brilho é para o POETA que enxerga horizontes onde não há oásis, e desvira o pôr do sol em arco-íris”, e pensa em impossíveis diálogos, criando o corpo alvo do poema cingindo nele ideias cortesãs.



E aquele que lê aceita também este pacto e entra no jogo, deixando-se então embalar pela ilusão realista, fingindo acreditar no encadeamento necessário dos acontecimentos aqui expostos, e talvez o leitor se disponha de imediato a acreditar que o conteúdo coincide com o vivido real do escritor (Cordeiro, 2002).

O texto dá prazer por contentar, encher, dá ao leitor a euforia porque vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição que se põe em estado de pura sedução, aquele que (des)conforta, faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, instaura a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise a relação com a linguagem.

Nas cenas dos textos não há ribalta, não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (leitor); não há um sujeito e um objeto. O texto prescreve as atitudes gramaticais: é o olho indiferenciado de que fala um autor” (Barthes, 1987, p. 24).

Por beber vinho, no desnudo corpo do poema, e, assumir tolas inconsequências, quero lambuzar-me de versos tortos de sintaxe, e nos encantos de cada palavra, satisfazer-me com as nervuras do texto, que professa a dor lida do intelecto na solidão escura das horas, para acertar o compasso de um sonho, um arremate: A educação. Sobre o prazer de “beber vinho” “é poder narrar e narrar-se, é pôr em intriga (muthos) visando à representação (mímeses) da ação” (Ricoeur, 2006, p. 114) ao mostrar o prazer de assumir a forma que advém toda vez que a força de parecer arrastado de ilusão, sedução sobre as ondas do prazer que gira em torno da fruição que deriva da linguagem social.

Na solidão atroz, lembrar A figura da Mulher é um colírio hipotético de versos, música lírica inconfessa, está vestida de Saia, ligeiramente erguida, mostra-me de relance um continente de palavras. Enrosco-me em Minerva ao deflorar metáforas vestida domingamente de Rendas, entreabertas, pelo uso de um verbo ajustado nos gestos. Bia encanta, encontra, entontece, é a que faz O homem, vestido de alma de poeta, e com Desejos prefere ornar o corpo alvo do poema cingindo nele ideias cortesãs e com Tintas, tentas, pintas, linhas rabiscas rapidamente uns rascunhos, porque o verbo novamente o domina, como se percebe em Carta da esposa de um poeta.

Pela Janela olha para a linha do horizonte. Na Marca e na Alma não faltarão palavras, mas, degusto versos impolutos e, O poeta Vive a apreensão da Morte da Lírica e conclama! Mordo enseadas úmidas de metáforas em Isaac, pois o poeta faz-me verter mel de prata agridoce, faz-me olhar com olhos de esfinge suas poesias, e diante da taça que se esvazia, com um silente grito anuncia e me extrai pelos cem anos de solidão, onde tudo ziguezagueia sobre as partes íntimas de seus poemas. Retiro das poesias o último véu que encobre pedaços de corações em eterna sublimação, como água de enxurrada, densa,



que engrena inúmeras paixões, a rubra imagem de um corpo tilinta em tua taça quando enchida, isso é parte de um ritual.

Eu me esbato na teia da poesia e, vendo nas tuas lembranças, teu sofrimento replica meu grito de dor e, quando penso na tua alegria, faz-me aspergir rutilâncias ao som dos teus desejos, pois faz-me revolver um estado de solidão que se liquefaz em maresia desse amplo cingir atmosférico.

Dizes que viver o dia tecendo à noite sem pesadelos é postular romances sem cantilenas na corda bamba de nossas ausências continuamente. Mas, o importante é banhar-me e fartar-me nos teus enleios, é repetir dilemas dos receios das areias infundas da paixão em convulsão, onde o amor prenhe de presenças, é viver, continuamente da ressaca de amar.

E, depois desses volteios em teus versos, sei que ainda há diversas frestas nesse pretense ensaio, porém, eu me visto com conchas de silêncio. Tentei passar-te a limpo, mas, as luzes da ribalta foram desligadas para mim, solto um grito de verso.

Aqui, o brilho é para o POETA que enxerga horizontes onde não há oásis, e desvira o pôr do sol em arco-íris, e pensa em impossíveis diálogos, criando o corpo alvo do poema cingindo nele ideias cortesãs.

Por beber vinho, no desnudo corpo do poema, e, assumir tolas inconseqüências, quero lambuzar-me de versos tortos de sintaxe, e nos encantos de cada palavra, satisfazer-me com as nervuras do texto, que professa a dor lida do intelecto na solidão escura das horas, para acertar o compasso de um sonho, um arremate: A educação.

Tem mais, li, dia 08 de setembro, a poesia publicada pelo poeta, Isaac Ramos, Lua & Vênus na página da internet. Tudo começou como ele mesmo declara “os créditos das fotos se encontram nas imagens. Copiei da página da UOL em 08-09-2013” (o poema estava ilustrado com a foto do evento noturno, extraída por ele e que, creio, não só a mim seduziu.)

Porém, o que mais tarde percebi foram os seguidores de Isaac, seus confrades respondiam-lhe com o prazer de ler a poesia com outra poesia, e a sedução que todos os textos ofereciam. Isso sempre me inquietou e ai está o resultado dessa porfia poética, a de aceitar conjugar o verbo “celestar” neste firmamento poético. Os textos estão apresentados por ordem de publicação.

Agradeço, e peço a permissão do confrade poeta Isaac, para referir neste espaço, o prazer de citá-lo e publicá-lo.



LUA & VÊNUS / ISAAC 08/08/2013

Meu coração não invernou na solidão
Tenho a companhia das letras e dos astros
Para me divertir na amplidão
Lua e Vênus se encontraram no firmamento
Mas esse casal não se encontra sozinho
Na página celeste
Saturno olha por cima
Mercúrio fita por baixo
E meu olhar de poeta
Conjuga o verbo celestar:
Eu celesto
Tu celestas...
Ninguém deleta meus sentimentos.

Meu desejo é segurar todos no papel
Todavia, vejo que seria como carregar
Água na peneira
Ou sol na chaleira
Para servir no café da manhã
Melhor seria beber o horizonte
Para me embriagar
Com o vinho da paisagem noturna.
(Isaac Ramos)

Meu coração não invernou na solidão
Tenho a companhia das letras e dos astros
Para me divertir na amplidão
Lua e Vênus se encontraram no firmamento
Mas esse casal não se encontra sozinho
Na página celeste.



ISAAC reverberou muitas emoções naquela noite ao compartilhar o belo poema e teve resposta de José Pedro Frazão. Também, compareceu Rubênio Marcelo e, essa “tríade”, longe de ser a famosa parnasiana, esteve presente e convidou muitos internautas a participarem das homenagens em redondilha maior do encontro entre a Lua e Vênus, na noite do dia 8 de setembro. Foi uma noite espacialíssima e achei muito promissor esse embate de letras e prazeres que se fizeram presentes. E aqui divido com quem estiver presente para a leitura.

CÉU DE SETEMBRO

José Pedro Frazao

Surgiu no céu um sorriso
Numa noite de setembro
E meu rosto, se me lembro,
Viu-se em pleno Paraíso,
E pra saber o motivo
Dessa cena colossal
Perguntei ao Pantanal,
Que me deu resposta crua:
É Vênus beijando a Lua.
Num encontro nupcial.

Aí, Rubênio Marcelo, fez outra décima nos comentários

Um cenário transcendente
Resplandeceu do infinito,
Deixando um sorriso inscrito
No céu sorrindo pra gente...
Nisto, chegou, de repente,
Tocando o seu violão,
O grande amigo Frazão,
Que logo foi celebrando:
♪É a lua Vênus beijando
Em colóquio na amplidão...♪



9 de setembro às 21:00

Ao que José Pedro Frazão respondeu ao Rubênio

Nuà noite dominical,
Para mim sorriu o Céu
Nas nuvens formando um véu
Em torno do Pantanal,
Onde, com amor fatal,
Lua e Vênus, num roscênio,
Deram o beijo do milênio...
Que eu botei no face-book,
Atiçando o arquiduque
Do verso, o mestre Rubênio.

09 de setembro às 23:31

A resposta de Rubênio Marcelo. Publicado em 09 de setembro às 23:40

Mestre é você, meu irmão,
Que aqui nos presenteou
Com esta beleza e deixou
A todos a inspiração...
Parabéns, mestre Frazão,
Que tem no verso a magia
Que tem o sol quando é dia
E a lua quando, em desejo,
Fascina Vênus, num beijo,
E esparge em grã primazia...

José Pedro Frazão**PARA RUBÊNIO E ISAAC**

Rubênio, você é o craque,
Da verve da poesia,
E eu lhe digo com alegria
Sem u'à dose de conhaque:
Pergunte ao poeta Isaac,
Que também fez comentário,
Se o Face é depositário
Da poesia singular,
Antes da Lua beijar
Outra vez o astro corsário.

Ontem, às 00:16 ;10/09/2013.

Isaac se justifica nessa porfia gigantesca, digo **titânica** de como envolvem as rimas e o ritmo ofertado por estas. Trata-se do esquema das rimas e do ritmo. Este último possui uma sílaba forte a cada 4 ou fração de 4. Por ex: o de 7 possui duas fortes. O de 9 três e assim por diante. Tudo bem. Acho que farei uma postagem fazendo isso. Senão será difícil



entender por que faço referência aos dois poetas e, claro, à noite do encontro entre a lua e Vênus. Detalhe: é a primeira vez que escrevo uma décima em versos heptassílabos. Por ora, na companhia poética de Rubênio e Frazão.

Aí por ter sido citado, escreveu “Noite da décima”

Isaac Ramos

PARA FRAZÃO E RUBÊNIO

No céu de setembro vi
A poesia frasear
Lua e Vênus se beijaram
Como alegres colibris
Nisso o poeta Rubênio
Esparge versos frações
Envolto em passes solenes
Sou chamado a versejar
Vi Vênus num alazão
De encontro à lu(z)amar.

Rubênio Marcelo .

Estava lindo demais
E lindo sempre estará
[só quem não gosta é gagá]
E aqui, em motes gerais,
Vênus nos traz madrigais
E a inspiração continua...
Mestre Frazão acentua
As décimas que criamos,
Versando com Isaac Ramos
Ante o sorriso da lua.

JUSTIFICATIVA

O leitor poderá sentir estranhamento da justificativa estar no final do texto, foi proposital, já que este texto envolve todo estranhamento de que um leitor é capaz de perceber em ler poesia. Toda a articulação textual foi usada para dar sentido ao pensamento da proposta de texto extraído dos poemas de Isaac. O propósito de usar nomes dos poemas em letras maiúsculas é para que o leitor tenha referência ao caçar a poesia na obra. Sob o culto da intuição, raciocinando em favor das mentiras contra as quais se lança a arte, não é a racionalidade, mas o seu antagonismo petrificado ao particular; ao despojar-se do momento do particular enquanto caráter intuitivo, endossa essa fixidez, utiliza o refugo

abandonado pela racionalidade social para desta se desviar e fazer a obra se enunciar de modo conceptual, lírica e constitutiva. No mais, tudo não passou de deleite orgiástico e especulativo de possibilidades. É, o leitor também tem imaginação. Destrói ou reconstrói.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**. A construção do ethos. Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg; Revisão: Alice Kyoko Miyashiro. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1987.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. Modos de organização. Trad. Angela M. S Corrêa & Ida Lúcia Machado- 1ª ed. 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto 2009.

CORDEIRO, Cristina Robalo. **Le mal du récit**. FCT- Imprensa da Universidade de Coimbra, 2002.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O anti – Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Trad. Joanna Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Assírio & Alvim. Lisboa, 2004

LAUREL, Maria Hermínia Amado. **Itinerários da Modernidade**. Minerva, Coimbra, 2001.

NEVES, Dulce Morgado. **Experiências e ideários de intimidade nos discursos femininos** (Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa, apresentado nas aulas de mestrado 2007).

PEREIRA, Miguel Baptista. **Fenomenologia e Transcendência**. A propósito de Emmanuel Lévinas (1906-1995)

RAMOS, Isaac. **Teias e Teares**. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2014.

RICOEUR, Paul. **Percorso do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. Edições Loyola, São Paulo, 2006.